

MARIA NELY TORRES BABINI

Nasci em São Carlos-SP, em 21 de outubro de 1927, sendo a 5ª filha de Isabel Imediato Torres e Clodurfo Marcondes Torres, em uma família de 12 irmãos. É fácil imaginar que numa família tão grande houvesse muita alegria e também muitas brigas.

Posso garantir que eu era uma das mais briguentas e, quando mamãe dizia: “Quando um não quer dois não brigam”; ficava ofendida me achando injustiçada. Vocês já repararam que a gente sempre acha que está com a razão?

Mas, de certa forma, ter sido briguenta tem me valido para a vida toda. Sempre soube reivindicar e argumentar e assim, tenho conseguido tudo o que quero. Muitos dizem que sou uma lutadora e querem, quando tiverem os meus 80 anos, ser como eu. Confesso que sou muito feliz sendo como sou. Mas, é claro que, com o passar dos anos, tive que, muitas vezes, a duras penas, aprender a ver o outro lado, ou melhor, as outras opiniões. Mas sempre fui de enfrentar as situações e nunca tive medo de dizer a verdade. Prefiro falar para as pessoas que das pessoas. E nem sempre se é bem entendida, mas mesmo assim, acho melhor ser como sou.

Estudei em colégio de freiras e a incoerência e contra testemunho, de muitas delas, me marcaram profundamente e me fizeram, na inocência da infância e até da juventude, trazer Deus ao tamanho das freiras. Tenho observado, pela vida afora, que o mesmo aconteceu com diversas pessoas e ex-alunos de padres e freiras.

Estudando em colégio interno, me horrorizava ao ver como as alunas pobres eram tratadas, e sendo rica e tendo muitas regalias, ainda assim meu senso de justiça me levou a achar que Deus não estava na Igreja Católica. É claro que usufruí das regalias que me ofereciam, e paguei caro por isso; pois, durante grande parte da vida, busquei Deus em muitas denominações religiosas, mas o vazio continuava.

Estudei inglês com uma professora particular fantástica: miss Hall. Ela me elogiava muito e, certamente por isso, cheguei a falar, fluentemente, a língua. Miss Hall dizia que eu iria ser escritora e influenciar muita gente. O elogio de um professor é de grande influência na vida de um jovem. Hoje, quando observo quantas pessoas tiveram as vidas melhoradas por um de meus tantos trabalhos, não deixo de me lembrar de miss Hall.

Numas férias em Botucatu, conheci o grande amor de minha vida. Mário Babini! Era conhecido, por todos, como grande conquistador. Assim que chegava uma moça de fora, os rapazes disputavam quem a namorava primeiro para depois passá-la para os amigos. Eu, por outro lado, quando o vi passar de moto, senti que não ia perder a oportunidade de dar umas voltas. Ambos caímos do cavalo; cupido nos acertou e nos flechou por toda a vida. Foi um imenso amor que superou todas as barreiras.

E não faltaram barreiras. Minha família não se conformava de eu querer me casar com um pedreiro pobre, sem cultura, de outro nível social e que nem falar direito sabia, por ser italiano: “Você vai se casar com um pedreiro e filho de lavadeira? Um Zé ninguém. Um pé rapado”? Eram os elegantes termos que se usava, na época, para diminuir as pessoas. Quanto preconceito! O Mário nasceu em Ravenna, terra de Dante Alighieri e de Giuseppe Garibaldi, dos quais tinha muito orgulho.

A família dele, por sua vez, achava que seria fogo de palha e que eu era uma grã-fina que não iria me sujeitar a uma vida simples, e ainda, estando ele com 21 anos e eu com quase 25, não iria dar certo!

Graças a Deus nosso amor foi mais forte e não cedemos a tantas influências. Minha irmã mais velha, Nilza e seu generoso marido Ni, me acolheram e tivemos um maravilhoso noivado. Durante toda a vida o Mário me chamou de Léli, que é como me chamava o filho caçula deles. Casamos em 14 de julho de 1953. Está claro que papai

não foi, nem deixou meus irmãos solteiros irem. Fomos para Caraguatatuba em lua-de-mel. Que felicidade! Quantas descobertas! Quanta ternura! Quanta delicadeza! Lá se solidificou, para sempre, nossa união.

Moramos primeiro com a família dele e depois fomos morar numa casinha deliciosa. Como no quintal havia uma cerca de bambu e atrás passava um riacho, combinamos que não teríamos filhos, enquanto não pudéssemos morar num lugar menos perigoso. Foi naquela casinha tão aconchegante que se deu uma situação que Dom Irineu gosta de contar:

Araraquara é uma cidade muito quente (Morada do Sol) e não tínhamos geladeira. Um dia, estava um calor intenso, quando ouvi o apito do sorveteiro anunciando seus picolés. Que sede! Podia deliciar-me; mas lembrando que o Mário também estaria com sede deixei-o ir embora. Mas o sorveteiro virou a esquina, quando ouço o motorzinho da bicicleta que o Mário havia trazido da Itália. Era ele trazendo uma garrafinha de guaraná gelado para tomarmos juntos. E só dava um copo para cada um. Nunca tomei um guaraná tão gostoso!

Algum tempo depois pudemos nos mudar para uma casa mais segura. O nascimento de nosso primeiro filho, Rubens, foi a experiência mais maravilhosa que tive! Senti como se flutuasse no ar! Até hoje não consigo descrever o que senti. Sempre que surge a pergunta sobre o momento mais feliz de minha vida, me recordo daquela indescritível sensação. Estava nas nuvens! Quando Mamãe entregou o Rubens para o Mário, disse: “Você nunca mais vai ter sossego”. Ela tinha bastante experiência.

Estava o Rubens com um ano, e meu irmão mais velho disse-me: “Papai quer saber quando você vai levar seu filho para ele e nossos irmãos solteiros o conhecerem”. O Mário, que era a doçura em pessoa, não se fez de rogado. Foi uma festa quando chegamos à Campinas. Logo todos ficaram encantados com meu filho e com o Pai dele. O Mário acabou se tornando o genro e cunhado do coração. Não havia quem não se encantasse por ele.

Tinha o Rubens dois anos e nove meses, quando nasceu o irmão Ricardo, no dia em que completei 30 anos. Que belo presente, um garotão de quase 5 quilos. Foi um sucesso na Maternidade de Araraquara! Senti a mesma emoção, mas já era uma sensação por mim conhecida. É fantástico o que se sente no nascimento de um filho. Só mesmo tendo um, para entender. Éramos muito felizes e estávamos orgulhosos dos nossos filhos.

Com o falecimento de Papai recebi a minha parte da herança, e algum tempo depois nos mudamos para Campinas-SP. Foi quando engravidei da sonhada Renatinha, e com quase cinco meses de gestação, depois de um susto, a perdi. Estava inconsolável. Meu médico disse-me: “Dona Nely, pare de chorar, porque a natureza sabe o que faz, é sábia”. Eu, que não tinha estrutura psicológica, mental, emocional e espiritual para enfrentar uma criança deficiente, decidi que nunca mais queria filhos. O Mário concordando comigo aceitou minha decisão.

Naquele tempo, embora estivesse muito feliz com nosso casamento e com nossos filhos, faltava-me alguma coisa que buscava em diversas religiões: e não encontrava. Foi quando tive a graça de participar do Movimento de Cursilho de Cristandade. Participei do 6º Cursilho para mulheres, em 1966. Foi uma descoberta! Não é que fui ter uma Experiência de Deus na Igreja Católica? Caí em mim! Tinha cometido o erro de trazer Deus ao tamanhinho das freiras e perdido tanto tempo. Estava preenchido o meu vazio.

O Senhor inundou todo o meu ser. Queria salvar o mundo pelo amor. Não mediria esforços. Contava, em tudo e por tudo, com o apoio de meu amado que estava ainda mais feliz por eu me ter encontrado. Imagino a alegria de D.Rosa, mãe dele, por

minha conversão. Estou certa de que lá no céu, onde ela já estava, conseguiu essa vitória. Sempre me pediu que fosse à Missa e lhe respondia que: “Eu, quando estava no colégio interna já as havia assistido pelo resto da vida”. Sim, porque naquele tempo se dizia assistir à Missa. Hoje sabemos que temos de participar dela e levá-la para a vida. Dona Rosa sabia que, como seu filho era grudado em mim, se eu fosse, iria comigo. Foi o que aconteceu. Foi uma pena que ela já estivesse no céu quando aconteceu e estou certa de que atormentou tanto Jesus que ele me deu a grande chance. Estou certa de que Deus está sempre nos atraindo e nos dando chances. Nem sempre estamos atentos, mas Ele continua insistindo.

Nossos filhos foram beneficiados com minha conversão, antes, era uma mãe intransigente, agressiva, prepotente e descontrolada. Pediam socorro para o Pai, que não conseguia, com sua doçura, controlar meu mau gênio. E eu até falava: “Meu bem, ainda bem que mamãe avisou-o sobre o meu mau gênio, você se casou comigo porque quis!” Algumas vezes pergunto-me, como conseguiam me suportar? Era orgulhosa, egoísta, voluntariosa e arrogante.

Depois da conversão estava em condições, agora sim, de ter os filhos que Deus quisesse me dar e, dez anos depois do Ricardo, nasceu o Roberto. Um garotão forte e lindo. Nessa época eu trabalhava ativamente nos Cursilhos femininos. Trabalhava também no Centro Social Presidente Kennedy, onde conheci Maria Lamego, braço direito do Pe. Haroldo Rahn - SJ, que começou o TLC – Treinamento de Liderança Cristã, para jovens, e me convidaram a participar do Movimento que estava se iniciando. Era 1967. Foi o primeiro na Vila Brandina.

O Mário dava total cobertura levando-me a tantos compromissos e reuniões. Sempre estava no lugar marcado, na hora combinada. Nunca, nem uma vez sequer, tocou a buzina ou a campainha ou me apressou. Sabia que ele estava lá, e, quando aparecia, muitas vezes atrasada, recebia-me com seu largo sorriso e um abraço. Que saudades tenho de seus abraços! Recordo-me sempre daquele homem romântico e lindo, de olhos azuis e braços fortes envolvendo-me com seu carinho.

Estava o Roberto com 5 anos quando se manifestou uma gravíssima artrite reumatoide. O diagnóstico foi inconfundível e a perspectiva era de, num futuro não muito remoto, ele ir parar numa cadeira de rodas. Lembrávamos sempre das palavras do especialista em São Paulo: “Preparem-se para desenvolver a mente de seu filho”. Graças a um dos tantos milagres realizados pelas ORAÇÕES de Pe. Haroldo o Beto ficou completamente curado. Na sagrada capela da Vila Brandina, ouvi Pe. Haroldo dizer: “Dona Nely o Roberto vai sarar”. Tive absoluta certeza.

Outro momento difícilimo foi quando o Rubens, com dezenove anos entrou com o carro debaixo de um caminhão, na Via Anhanguera. Foi no dia 20 de dezembro. Quebrou 16 ossos do rosto, e, possivelmente, por ter havido demora ao ser socorrido, perdeu quase todo o sangue e correu risco de morte. Todo o organismo estava comprometido. Estávamos na Noite de Natal, Mário e eu, numa grande tristeza, enquanto na UTI esperavam sua morte. Qual não foi nosso espanto quando, vinte para a meia noite, batem na porta do quarto Pe. Haroldo e Maria Lamego. Fomos pedir licença para vê-lo e o Padre orar por ele. Por uma deferência permitiram que entrássemos na UTI do Hospital São Luis, em São Paulo. No dia seguinte, ao meio dia, o Rubens estava no quarto. Poderíamos ter tido melhor presente de Natal? Quando comentei com Dom Antonio Maria Alves de Siqueira, nosso Arcebispo, os milagres de Pe. Haroldo em nossa vida, respondeu que sabia de muitos outros, mas que ele não gostava que se contasse.

Continuava a trabalhar no Cursilho, no TLC e outras atividades apostólicas quando Pe. José Calvão - SJ, nos procurou para um trabalho em seu bairro. Foi quando

começou o OVISA, em 1968. Logo faleceu minha irmã, Maria da Conceição, aquela com quem tanto brigava na infância e adolescência, e que acompanhei em seus últimos dias no hospital, deixando marido e quatro filhos. Nós os levamos para morar conosco até que a mãe de meu cunhado conseguisse se afastar do serviço e viesse morar com eles.

Morou conosco também o Manoel, um ótimo rapaz, que teve a infelicidade de, muito jovem, se envolver com as drogas e sofreu todas as suas conseqüências. Quando o Mário concordou que o trouxesse para morar conosco, deixou claro: “Léli, você pode trazê-lo, mas dou-lhe emprego e ele entra e sai comigo, não fica só com vocês”. Conversei com o Manoel, que aceitou as condições. Foi o funcionário mais fiel que ele teve. Hoje Manoel é advogado e constituiu a própria família. Quando soube do falecimento de meu marido, escreveu-me uma linda carta falando sobre a influência que tivemos em sua vida, confiando em quem, na época, ninguém confiaria e dando-lhe uma oportunidade. O importante é que ele correspondeu à oportunidade. Ficamos responsáveis por ele durante alguns meses e ele ficou conosco muito mais tempo. Nunca deu o menor motivo de queixas. Não contei que depois de criar o TLC, Pe. Haroldo iniciou os Encontros de Oração no Espírito Santo, reuníamos-nos no Centro Kennedy, um Centro Social que a Prefeitura havia doado para ele, uma meia dúzia de pessoas; era o começo da Renovação Carismática Católica.

Foi o Dr. Cláudio Novais que, quando Pe. Haroldo estava começando o trabalho de recuperação de dependentes químicos o autorizou a procurar uma fazenda para ser adquirida por ele. Essa foi a primeira Fazenda do Senhor Jesus. Fiz sempre parte da Diretoria e lá ia, de duas a três vezes por semana, onde tivemos muitas lutas e grandes alegrias. Lidar com o ser humano é sempre gratificante. Hoje sou Diretora honorária, mas faço questão de participar, de todas as atividades, quando posso. Quanta coisa teria para contar sobre essa experiência. Daria um livro.

Moraram conosco ainda, Aparecidinha e José Roberto, vieram para passar umas férias e acabaram passando todas as outras até que se formaram nos colégios internos, onde haviam sido colocados pelo irmão por parte de pai. Foi uma história triste e que ainda hoje me incomoda pela injustiça da situação e para a qual, no meu modo de ver, foram coniventes o pároco da catedral, a diretora da faculdade de serviço social e o juiz da infância e juventude da cidade onde moravam, enquanto a mãe era viva. É isso mesmo, tudo com letra minúscula porque acho que foram, todos, muito pequenos. Além da família, claro. Quando fomos buscá-lo no colégio, nos apresentamos como tia Nely e tio Mário e assim ele nos chamou a vida toda. Depois de todas as férias que os dois passavam conosco, terminado o curso, hoje fundamental, ele ficou morando definitivamente conosco, tendo saído para seu próprio apartamento. Agora, casado e com três filhos que me chamam de avó, faz parte da equipe do OVISA. A Miriam, sua esposa, me diz que nenhum de meus filhos puxou tanto pelo Mário como ele. Que ele está sempre dizendo: “Tio Mário dizia isso, tio Mário fazia assim, etc.”

Trabalhei durante anos na Cidade dos Menores. Às sextas-feiras ia buscar os trabalhos em tricô, feitos à máquina, pelas meninas, com a Irmã Antonia e levava, no sábado para vender no CEASA. Tinha que ir de madrugada para pegar lugar bom. Claro que tínhamos autorização para vender na manhã do varejo. Contava com a ajuda de diversas amigas do OVISA, Cursilho, TLC, etc., que levavam um prato de salgado ou doce para vender e elas ainda adquiriam outro. O Beto, meu caçulinha, ainda estava lembrando, num dia destes, que ficava passeando pelas barracas enquanto eu fazia as vendas. Isso lhe valeu bastante porque, ainda hoje, está sempre fazendo alguma caridade que até os irmãos ignoram.

O Mário gostava de pescar e, enquanto ele e os meninos pescavam, eu ficava lendo em uma sombra. Certa vez, fomos com nossos filhos, Pe. Haroldo, Maria Lamego e três jovens para Mato Grosso. Enquanto Mário, José Roberto, Rubens e Ricardo pescavam, nós dávamos TLC em diversas cidades. Lavei a minha alma. Papai, que tinha fazendas em Mato Grosso, nunca nos levou, dizendo que lá não era lugar para nós. Que saudades tive dele! Eu o imaginei no Mercado de onde nos trazia tantas delícias, quando, uma vez por ano dava uma volta em suas fazendas. Mas naqueles dezoito dias que passamos por lá com Pe. Haroldo, quando já tinha entendido a severidade de Papai, chorei bastante de saudades dele. Era dedicado e amoroso, mas sendo muito protetor, com isso parecia que nos sufocava.

Nossos dois filhos mais velhos, ambos formados pela PUCC, já estavam casados quando o Mário, que depois do OVISA ter sido transformado para Encontro de Casais, aderiu totalmente, fazendo um trabalho digno de nota; sofreu um terrível acidente de moto, do qual nunca se refez. Ele, que nunca deixara de me abrir a porta do carro, gentilmente, e que se desdobrava em amabilidades, se viu, por dois anos e meio, numa dependência que o mortificava. Tinha uma dor de cabeça constante e tentava disfarçar, mas não era mais aquele homem sempre sorridente e alegre. Estou convencida de que, sua amargura e tristeza foram as maiores causadoras do câncer que o levou. Tinha 53 anos! Foi em março de 1985.

O Beto mal tinha entrado na PUCC, dois anos depois do acidente, quando um dia o Pai disse: “Quando eu morrer quero ser cremado!” Ao que, estupidamente, respondi: “E eu quero ser colocada em um caixão de bacalhau e ser jogada no mar”. Não teria sido muito mais lógico eu ter conversado de uma maneira sensata, perguntando o motivo desse desejo? Fiquei em pânico e nunca soube o porque de sua escolha. Foram muito difíceis esses dois anos e meio. Acho que o Beto foi muito prejudicado, porque tinha só quatorze anos quando aconteceu o acidente do Pai e aproveitou muito pouco do maravilhoso Pai que escolhi para eles. Acho um absurdo quando os casais se separam e um fica denegrindo a imagem do outro para os filhos. Também acho um absurdo os casais se separarem. Não se escolheram mutuamente? Têm obrigação de se reconhecerem fracassados na escolha e não culpar o outro. Eu bem dizia para minha mãe que não havia escolhido minha irmã, mas marido e o pai dos filhos a gente escolhe. Esperta fui eu que não deixei que escolhessem por mim. Aliás, sempre fui decidida em minhas escolhas e tomada de decisões.

Sobre o horror daqueles treze dias no Hospital Vera Cruz, em que sofreu todas as piores coisas que se pode imaginar, nem quero falar. Sobre a tristeza de seu velório também não. Só posso dizer que nem sei quem esteve lá. O mundo tinha acabado para mim. Não existia mais ninguém.

É providencial que nessa ocasião se tenha de tomar providências legais porque não se pode hibernar pelo resto da vida, que, certamente é a vontade que se tem. Tendo um filho ainda dependente, não podia deixar a peteca cair. O Beto merecia mais do que nunca, e tinha o direito de estar com a Mãe inteira. Todos admiraram minha coragem e me achavam forte. Minha resposta era: “Forte é o Senhor em quem eu me agarro”.

Dois meses depois, minha irmã Nilza, sofreu um terrível acidente, e, como era hábito em nossa família, mais uma vez me coube cuidar dela. Fui para São Paulo e a preocupação com a gravidade de seu estado me ajudaram a desviar da grande tristeza.

Voltando para Campinas, logo Pe. Haroldo me propôs começarmos um novo trabalho. Apresentou-me, em folhas avulsas, a tradução de um livro. Estando de pleno acordo com os princípios apresentados, topei. Mas eu já não era mais a Nely de antes que se agarrava com entusiasmo em cada novo trabalho. Algo havia se partido dentro de mim. Participava das reuniões, mas minha cabeça estava oca. Assim é que entreguei o

AMOREXIGENTE para a Mara Menezes, o que foi uma sorte, porque ela teve muito mais condições de levá-lo adiante e espalhá-lo, como hoje se encontra em todo o Brasil. Era junho de 1985.

Foi então que me entreguei integralmente à tristeza. Entrei em profunda depressão. Tinha horror dos muitos padres que iam me visitar. Que suplício ter que ver o Rubens vir diariamente de São Paulo, onde morava e trabalhava. Queria que me deixassem morrer em paz! Ouvia constantemente uma voz que dizia: “Se mate, se mate”. Não o fiz porque queria encontrar o Mário e sabendo, como disse Pe. Haroldo, que ele explodiu no Céu, não iria correr o risco de suicidando-me, nunca mais encontrá-lo. Só quem passou por isso sabe o tormento que é essa tentação.

Levavam-me uma infinidade de livros sobre depressão. Onde buscar ânimo para lê-los? Ficava largada no sofá ou na cama, não tendo ânimo nem para tomar banho. Emagreci direto onze quilos. Tinha vontade de sumir quando me traziam qualquer comida. Imagino agora que sufoco passou a minha família, mas na ocasião não conseguia pensar nisso. Sentia-me a mais desgraçada das mulheres porque tinha perdido o Mário. Um dia criei coragem e li uma página de um livreto que Arani me trouxera, com as mensagens de Nossa Senhora de Medjugorie e que dizia: “Não reze pelas suas necessidades, o Senhor as conhece todas. Reze pela conversão dos pecadores”. Naquela noite rezei pela conversão dos pecadores e dormi. Pela manhã havia como que uma luz inundando o meu quarto, como podia sentir-me a mais desgraçada das mulheres, era a mais feliz, TINHA TIDO O MÁRIO! Levantei-me feliz. Mais uma vez Deus cuidara de mim. Tinha mudado o foco. Deixei de ser o centro do Universo. É incrível como a gente nem sempre se dá conta de que temos que cuidar dos outros e que Deus cuida de nós. Enfim aprendi, e agora espero que definitivamente, que se nos colocamos nas mãos de Deus e a Seu serviço, nada deve nos preocupar. Tenho vivido assim e não dá para acreditar como Ele cuida das menores coisas. De detalhes!

Depois que assimilei a perda do Mário, nada mais me abala. Alimento-me de tantas recordações. Antes sonhava em encontrar alguém, que era ele. Quando tinha meus doze, treze anos, detestando estudar, pegava um romance, o que era absolutamente proibido, e ia ficar escondida na descida da garagem, tomando um gostoso sol, lendo e sonhando. Imaginava alguém maravilhoso, carinhoso, romântico e amoroso. Saibam que a mente é força criadora; atrai o Mário pela força de minha imaginação. Agora não preciso mais imaginar.

Sempre gostei e ainda gosto muito de ler. Desde menina anotava em um caderno, trechos que me impressionavam, colocando na margem: data, título e autor. Meus filhos o apreciaram muito e o Rubens comentou ser impressionante como pautei a vida pelas impressões que tive desde menina. Parece que os nossos princípios estão arraigados dentro de nós. Rebeldia, força de vontade, o valor da justiça, o dever de reivindicar direitos, as escolhas, a noção clara de que não existe ninguém acima ou abaixo de nós...

Em 1993 faleceu minha mãe, perfeitamente lúcida com noventa e quatro anos. Meus dois filhos mais velhos foram batizados por exigência dela. Era uma mulher forte apesar de toda a sua doçura. O Mário a chamava de Mamãe e teve um grande carinho por ela. Graças a Deus converti-me a tempo de acompanhá-la à Missa todos os domingos e com isso dei-lhe muita alegria. Mamãe também teve uma morte suave e tranqüila, como merecia.

Além das pessoas que moraram conosco, depois do Roberto também estar formado e casado, veio morar comigo Marilene Froma, uma garota de Curitiba – PR, cujo ex-namorado jogou ácido no rosto, pescoço e colo. Ela, os pais e irmãos participaram de minha vida durante sete meses. Marilene teve um tratamento intenso

tentando recuperar a vista e refazer-se das queimaduras. Foi muito sofrimento. No começo recusou-se a aprender a mobilidade com a bengala própria porque se recusava a ficar cega. Infelizmente não foi possível salvar sua vista. Marilene é a filha que não tive. Hoje está casada com o Rafael, professor de teatro, que se apaixonou primeiro pela sua doce voz e que me disse amá-la mais que a si mesmo. O Rafael escreve peças para deficientes visuais e a Maré é a artista principal. Não é fantástico? Ela era linda antes do bandido, Renil, tê-la agredido, mas amada de verdade é agora.

E tenho outro filho do coração, o Pedro. Um rapaz muito educado e simpático que participou do programa de recuperação e numa situação complicada, acabou vindo ficar uns tempos comigo. Cuida de mim e algumas vezes me avisa que estou exagerando. Não está acostumado com o meu pique e me alerta porque sabe que depois fico com dor forte. Ficamos grandes amigos. Contamos um com o outro para o que der e vier. É o primeiro que me cumprimenta no dia das Mães. A segunda, geralmente é a Marilene. São pessoas que passaram a fazer parte de minha vida.

Em 2000, quando levava a Comunhão para meus “doentinhos”, cai na rua e precisei passar pela 6ª cirurgia de coluna. Lembro-me de ter dito que, naquela vez, não iria fazer fisioterapia, após a cirurgia, porque estava cheia de compromissos. Havíamos reiniciado recentemente o TLC e ainda não estávamos com o Movimento estruturado. Havíamos iniciado, em nossa Paróquia, o Movimento de Vida Ascendente, para a terceira e quarta idade e como coordenadora dos dois estava toda envolvida, além de antigos compromissos. Não teria tempo.

Quando acordei, após a cirurgia, percebi que estava sem poder mexer uma perna. Infelizmente era verdade, eu estava paralisada. Não houve nenhuma explicação convincente para o ocorrido e ainda hoje ignoro o motivo. Gostaria de saber para talvez conseguir reverter a situação. Para quem não iria fazer fisioterapia, comecei as sessões ainda no hospital, depois em casa, depois indo de ambulância à clínica e, até hoje, seis anos depois, ainda faço fisioterapia. Tive dores horríveis. Hoje tenho dores suportáveis. Ando com dificuldade e estou bastante limitada, mas louvo ao Senhor, tomo conta de mim e estou independente.

Na cirurgia anterior eu havia contratado a Terezinha, uma amiga, que tendo tido vontade de deixar o hábito (era freira no Paraná), sem ter pra onde ir, ficou morando uns meses comigo e ficamos grandes amigas. Muito esperta, prestou concurso na UNICAMP e agora está com um bom emprego e casada, feliz da vida. Costuma agradecer-me, não só pela acolhida, mas, principalmente pelos bons conselhos. Dessa vez achando que a cirurgia seria mais fácil pensei que não precisaria contratar ninguém. Quem diria? É muito difícil você sentir que está atrapalhando os fins de semana dos filhos e a semana da irmã, para cuidarem de você. Não me poupei nas fisioterapias, massagens e nem sei mais quantos tratamentos para ficar independente o quanto antes; e embora dissessem que eu não andaria mais; dentro de minhas limitações sou independente. Decerto, se tivesse ficado como estou sem ter passado pela paralisia me sentiria infeliz, mas dentro do que aconteceu, acho ótimo. Não faço a menor cerimônia em agarrar o meu andador e ir para a igreja, que é o único lugar para onde vou sozinha e a pé. Será que eu ficaria mesmo infeliz? Duvido! Não tenho a menor propensão para ser infeliz. Estou cansada de ouvir as pessoas dizerem: “Eu era feliz e não sabia”. Sempre tenho sido feliz e tenho consciência de que o sou. Lembro-me de, em menina, ter lido em Seleções, um artigo: “Habituar-se bem simplifica a vida”. Tomei como norma e tem dado certo.

Tenho recebido o maior apoio e dedicação de meus filhos e suas famílias. Não viajo mais em excursão ou com amigas; e, muito menos vou a lugares desconhecidos sem eles. Para meus filhos acho que nunca sou “pesada”. Com o Pai aprenderam a me

considerar uma pessoa importante. Percebo que os filhos tratam a Mãe como observaram o Pai trata-la. Cabe aos maridos, valorizando a esposa, ensinar aos filhos a valorizar a Mãe. Nisso também o Mário foi um MESTRE. Claro que com pessoas do OVISA ou do TLC também viajo despreocupada porque são todos como filhos e sinto que têm o maior cuidado e dedicação comigo.

Quanto aos meus netos, é um capítulo à parte. Quantas alegrias têm-me dado! Cada um tem seu encanto e suas características. Passam temporadas comigo na praia e desde pequenos nunca sentiram falta dos pais. Procuro ser uma Avó muito legal e generosa, e eles já sabem que duas coisas não são permitidas, brigar e deixar de almoçar. Durante o resto do dia podem ficar só nos sorvetes, chocolates, salgadinhos, sanduíches e gulodices. Reunir a família é minha maior alegria. Ficar com os netos para os filhos fazerem algum passeio ou viagem, para mim é a maior glória. Acho incrível que eles ainda me agradeçam. Não sabem que é meu maior prazer ficar com seus filhos?

É muito importante para o casal ter tempo para si, para se curtirem e fazer programas pessoais. Um casal não pode viver só em função dos filhos e se anularem por causa deles. A relação do casal não pode ser sacrificada por terem se tornado pais. Sempre considerei primeiro o meu marido e ele a mim. Isso nos manteve unidos; deu segurança para nossos filhos e deu bem certo.

Não foi só a tranquilidade do Mário que nos fez entendermo-nos tão bem. Ele era mesmo sereno com aqueles olhos azuis, sempre paciente e compreensivo. Sabia dar e respeitar a liberdade. Sabia amar e demonstrar seu amor. Pode haver outros maridos tão românticos e carinhosos; duvido que haja algum mais que ele. Vivo de maravilhosas recordações. Como é bom lembrar de nossas danças. O Mário era um exímio bailarino. Foi me tirando para dançar, quando levou a primeira “tábua” de sua vida, que começamos a namorar. Depois me ensinou a dançar e fomos a muitos bailes. Adorei, considero a dança um abraço com música. Adoro quando meus filhos saem para dançar; une tanto o casal. Dou a maior força para minhas noras e colaboro para que façam programas. Entendo-me muito bem com as noras assim como me entendi com a sogra.

Outra grande recordação que tenho são as suas cartas. Que delícia é relê-las quando apertam as saudades. Dá mais saudade ainda, mas é bom. Ver as fotos é outro consolo. As tenho, nas paredes, assim como tenho murais da família. É uma pena que não tivéssemos filmadora naquele tempo. Como seria bom vê-lo vivo e em movimento. Quando fico sozinha em São Sebastião revejo os filmes que faço da família quando estão lá. Para mim a família é sagrada. Está na frente de tudo. Percebo gente que se afunda no apostolado e se esquece da família. Salvar o mundo à custa da família, para mim é burrice. Temos que ser autênticos, e para mim autenticidade é dizer o que pensa e viver o que diz.

Perguntam-me se sou feliz? Muito. Dá para ser feliz tendo ótimas recordações. É bom que todos fiquem alertas para deixarem ótimas recordações. Hoje sou viúva, deficiente física, cheia de dores e feliz. Estou sempre alegre e de bom humor.

Aprendi com Santo Inácio a dizer:

“Tomai e recebei Senhor, tudo quanto tenho e possuo, vós me destes e eu vo-lo restituo, dai-me somente a vossa graça, isso me basta. Amém!”